

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do *Paiz*, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 27.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 20 DE JULHO DE 1873.

A poesia popular brasileira.

(Continuação do n. 23)

### IV

O primeiro romance d'esta segunda parte do *Romanceiro* de Th. Braga, é que tem por título *Sylvana*, e o mesmo que serviu a Garrett de tela para bordar a sua *Adzinda*. Este também o transcreve no seu *Romanceiro* (t. 2, p. 115), como diminutivo de *Sylvaninha*, e o dá como original português; mas Th. Braga diz que elle se encontra também nas Astúrias, com o nome de *Delgadina*, e transcreve a lição publicada por Amador de los Rios.

Si é português ou hespanhol, não seremos nós que iremos destrinchar o caso. Contudo diremos que, nestes romances populares, as tradições são muitas vezes communs a diversas nações, sem que houvesse para isso se dado o facto da herança ou da implantação. É assim que por algum tempo, ventillou-se a questão de indagar si o romance francez pertencia ás tradições Celticas, ou ás Germanicas e Scandinavas.

M. Gislé Brinjalsson, (1) depois de ter sustentado a segunda opinião, reformaa no fim do seu estudo, levado pela leitura do *Mabinogion* de Lady Guest e dos *Bardos Bretões* de Villemarqué, e reconhece francamente que não existe parentesco entre as tradições Celticas e os monumentos litterarios dos Scandinavos, de modo a considerar que os ultimos fossem origem dos monumentos litterarios dos Celtas.

«Fortifico com isto a minha opinião, diz elle (2) de que todos os mythos e antigas tradições, pelo menos de todos os povos civilizados da Europa, comprehendidos nesse numero tanto os Celtas como os Germanos fundam-se essencialmente sobre uma unica e mesma base, que se não deve considerar historica, mas que provem de uma percepção primitiva do universo commum a todos estes povos e talvez a toda a humanidade.»

Citando estas palavras, e chamando a attenção do leitor para o que vai em italico, temos em vista fazer notar somente

(1) *De l'Ancien Roman Français et de l'influence exercée sur son développement par les Normands*; trad. de L. S. Borring. Vem este estudo nos *Annaes da Sociedade dos Antiquarios do Norte*. T. 1 (truncado) na Bibliotheca da Faculdade do Direito do Recife.

(2) *Obr. cit.* pag. 247.

que a opinião de Garrett não é destituida de fundamento, dando a *Sylvana* como de origem portugueza.

Vem ainda confirmar a opinião de M. Gislé o facto de que, em todos os romances populares, encontram-se accões, scenas e idéas communs a diversos, ás vezes de origem differente, e pertencentes a cyclos distinctos. É assim que o nascimento de duas arvores nas sepulturas de dois amantes repete-se na *Peregrina* e na *Hoselinda*, da collecção de Garrett, no *Conto de Nino*, da collecção de Th. Braga, e no *Tristan et Isenet*, romance medieval; o pedido da castella ao pae, para dar pouso ao peregrino, repete-se na *Santa Iria a Fidalga* e na *Santa Helena*, da collecção de Th. Braga; a scena do testamento no romance *D. Aleixo* acha-se quasi toda na *Juliana*, que colligimos em Pernambuco, e assim muitas passagens que seria enfadonho citar.

Bem sabemos que esta opinião de dar ao povo concepção identica e semelhante sobre certos factos é hypothetica, mas é uma hypothese que vai adquirindo grande força de verdade, á vista dos factos comprobatorios que todos os dias accumulam-se com o fim de dar-lhe o character de uma lei.

Vamo-nos, porém, afastando do nosso assumpto.

Seja ou não de origem portugueza, a *Sylvana* é um romance muito conhecido entre nós, sinão completo, pelo menos semelhante em muitos logares ao que se conta no Maranhão.

Lembramos-nos d'elle somente do ponto em que principia:

—Atreves-te tu, Sylvana,  
uma noite a seres minha?

sendo o começo explicado em prosa, antes de principiar o canto.

Segue, pouco mais ou menos, como o romance portuguez, até o logar em que o pae de Sylvana vai ter com sua mulher á meia-noite, julgando ser ella a filha. O dialogo entre elle e a mulher não existe na lição Maranhense.

A scena do encerramento na torre, o espaço de sete annos e um dia, commum entre outros romances, a *comida por onça e a agua por medida*, que davam a Sylvana, o pedido d'ella nas ventanas á mãe, aos irmãos e ao pae, tudo isso ha na variante que ouvimos.

A estrophe

Alevantem-se meus pagens,

criados da minha casa,  
uns venham com jarros de ouro,  
outros com jarros de prata;  
o primeiro que chegar  
tem a comenda ganhada,  
o segundo que chegar  
tem a cabeça cortada.

é completa entre nós, assim como as duas ultimas estrophes do romance. O *Bernal Francez* é um dos romances mais cantados e conhecidos entre nós, mais do que o de *D. Barão*, porém menos do que o da *Não Gatherineíta*.

A variante maranhense que possuímos dal-o quasi completo, como vem na lição da Foz collectionada por Th. Braga, com um enxerto da variante dada por Garrett, da qual também é o começo:

—Quem bate á minha porta,  
quem bate, oh quem está ahí?—  
—Sou Bernal-Francez, senhora,  
vossa porta, meu, abri.

Em tudo mais segue tal como na alludida versão da Foz, apenas com estes versos de mais, no logar em que o cavalleiro faz uma imprecção á tumba da amante, versos que, já dissemos, veem na lição dada por Garrett.

Os versos são os seguintes, logo após estes dois:

Do fundo da sepultura  
uma triste voz ouvi:

da versão da Foz:

—Vive, vive, cavalleiro,  
vive tu, eu já morri:  
os olhos com que te olhava  
de terra já os colhi,  
hoera com que te beijava  
já não tem sabor em si,  
o cabelo que abraçavas  
jaz cahido ao pé de mi,  
dos braços que te abraçavam (3)  
as canas vêm-as aqui!  
Vive, vive, cavalleiro,  
vive tu, que eu já vivi.

seguinte-se o final como na versão da Foz.

Note-se agora uma cousa:—o romance, como o dá Th. Braga, é mais puro. Como se explica o enxerto da imprecção do cavalleiro, onde se encontra algum arrebiço e correção, e onde o aperfeicoamento tira-lhe a originalidade da rudeza da versão da Foz? Como foi que a herança deturpou-se desse modo, em um romance tão espalhado como é o *Bernal-Francez*?

(3) Braços com que te abraçava—Var. Maranhens.

Explicaremos este facto da seguinte maneira, declarando com tudo que é uma simples hypothese, que não pode ir documentada, mas que apesar disso não deixa de ser aceitavel.

É provavel que o *Bernal-Francez* fosse herdado na sua pureza original, e que fosse cantado como vem na collecção de Th. Braga. Com a publicação, porém, que delle fez Garrett em 1828; com a revolução operada pelo romantismo pela especie de enthusiasmo que reinou de então até certo tempo, enthusiasmo que se manifesta na manomania de se escreverem *cacaxas, romances* e liras populares, inventadas, mais ou menos imaginosas, metaphoricas, defeituosas e que de populares só tinham o nome; (4) com o facto de que se devia dar então de decorarem se esses *romances* aperfeicoados e inventados; com isso tudo, diziamos nós, é provavel que o *Bernal-Francez* fosse decorado, repetido e cantado. Como, porém, elle já estivesse espalhado de ha muito entre nós, aconteceu que a nova lição somente introduzio na velha os versos que transcrevemos, que aliás nos lembramos ter ouvido em outro *romance*, com pouca differença.

Seja como for, o *Bernal-Francez* é um dos *romances* mais sabidos e cantados no Maranhão, e tambem no Espirito-Santo, segundo nos informa um amigo.

Os *romances do Conde-Nino, da Promessa de Noivado e de D. Aleixo* (5) saem desconhecidos, excepção feita do que observamos na nota.

Do *romance de D. Pedro* conhecemos somente o fundo, e temos lembrança vaga dos versos que principiam:

Olha para traz, D. Pedro,  
olha se queres olhar,  
o teu cavallo é branco,  
veio já do meu signal.

(4) Em uma revista litteraria — *Moçuca Brasileira* —, publicada no Rio em 1843-44, onde escreviam Torres Homem, Magalhães, Porto Alegre, J. Norberto etc., revista que pode marcar uma epocha — o desenvolvimento do romantismo no Brasil, vê-se essa tendencia, pela quantidade de romances ali publicados. Só do Sr. J. Norberto S. S. ha sete *baletas*. O numero total de todos os romances da revista é 16. Em um *Semanario* publicado em 1857 no Espirito-Santo, a allusão não é a mesma, mas ainda li se encontrar 5 ou 6 romances, além das transcripções do *Bernal-Francez* de Garrett e do *Acedente do Nito de Castilho*. Ainda em 1872 publicou o Sr. Juvenal Galeno nos seus *Lendas* uma ballada — *Amor-Fatal*, a qual apesar de ter seu mérito como estudo, nada tem de popular, pelo figurado do estylo e metaphorico da linguagem. De presente são essas os exemplos que nos occorrem.

(5) A *Juliana* (variante de Pernambuco) tem uma estrophe que diz:

A minha alma entregue a Deus,  
o corpo a terra fria,  
a fazenda e o dinheiro,  
entregue á D. Maria.

a qual tem o mesmo sentido e semelhança com estes versos do *D. Aleixo*.

A minha alma dou a Deus,  
e á Virgem Santa Maria;  
o meu corpo lizo valente  
já o dou á terra fria,  
coração á minha dama  
discreta D. Maria.

Os *romances da Filha do Imperador de Roma* e de *D. Agueda de Mosca* saem tambem desconhecidos.

O *romance do Casamento e a Mortella* é nosso conhecido em parte, isso mesmo no fundo somente. Este *romance* não foi encontrado na tradição oral por Th. Braga, que o extrahiu da collecção de Garrett. Elle não se encontra nos *Romances Hespanhoes*.

Somente temos lembrança completa da ultima quadra, com o mesmo nome de D. João:

Pois fique esta mão já fria  
na sua mão adorado;  
de D. João e vivas  
condessa será chamada.

Este facto de ser conhecido entre nós este *romance* pela lição de Garrett prova ainda mais a nossa opinião sobre o *Bernal-Francez*, pela popularisação dos romances do mesmo Garrett.

O ultimo *romance* d'esta segunda parte que comparamos é o da *Não Catherineíta*.

Nenhum é mais sabido, nem repetido com tanta felicidade, tal como veio de Portugal. O que possuímos (variante Maranhense) é completo, como vem em Th. Braga (versão de Lisboa).

As poucas mudanças que têm são de nenhuma importancia:—transposição de palavras, troca de nomes por outros synonymos, porém que não transformam o pensamento.

Lembramo-nos ter ouvido mesmo no Maranhão, uma outra variante, que dava o fim como traz Garrett, com o estouro do diabo, e o salvamento da não, mas não temo-la, essa variante, por escripto, por isso não podemos affiançar si é tal qual traz o *Romanceiro* de Garrett.

Trataremos em seguida da terceira parte do livro que nos serve de paralelo a este escripto comparativo.

Essa parte se inscreve:—*Romances que se encontram nas collecções hespanhoas. Canto de Magalhães.*

Milton e suas filhas.

Tradução de Francisco A. do Silva

(Continuado do n. 20.)

Elle gostava de musica, e muitas vezes os doces sons de sua lyra casavam-se com a voz melodiosa de suas filhas.

—Porque é, meu pae, lhe dizia muitas vezes Emma, que está sempre triste e pensativo?

O que mais pode desejar? favorito do Protector, encarregado de um emprego honroso, celebre pelos seus escriptos, rodeado das affeições das filhas, não sei porque se não julga feliz!

—Ah! dizia Milton, é que eu sacrifiquei tudo por amor da liberdade, até mesmo esse proprio orgulho da gloria, que me abraça a imaginação. Favorito do Protector, dizeis-me? Sim, elle se tem servido de mim como de um instrumento á sua ambição! Celebre por meus escriptos!

Alguns versos, cuja existencia é amargurada pela causa, que m'os arrancou! Ah! não é assim que tenho sonhado a

gloria; não é a estes fracos successos que se limitam meus ardentes vãos; não, eu sinto uma voz intima dizer-me que o nome obscuro de Milton é chamado a uma outra celebridade. Porém, o que procuro, o que medito, não é a obra de um dia; a causa que atormenta e mata a curta jornada de meus dias, e as longas insomnias de minha noite, essa causa não se limita só ao interesse de uma familia, ou de um povo, porém sem da humanidade inteira!

Entretanto, esse Deus de quem tenho cantado a grandeza e o poder; esse Deus que devia dar ao meu genio todo o esplendor que lhe concedeu, vem, entre tanto, ferir-me cruelmente e tirar-me talvez até a esperança de realizar o mais bello sonho de minha vida.

—Meu pae, privando-o de admirar suas maravilhas, Deus não quiz tirar-lhe os meios de as celebrar, pois que, deixando-lhe os olhos contemplativos do espirito, collocou junto a si filhas, que se orgulham e felicitam por lhe serem uteis em seus penosos trabalhos. Sim, meu pae, silentosas e attentas ao seu lado, recolheremos religiosamente as palavras que se escaparam de seus labios. Não tema que uma occupação tão doce nos fatigue; não, de dia ou de noite, quando nesse genio inspirado brilharem sublimes pensamentos, nós estaremos sempre promptas, e rivalizando em zelo, aquellas que só estiverem escutando, por certo terão annos da que estiver encarregada da pena, e assim a memoria das filhas de Milton passará á posteridade com os versos que ellas tiverem escripto.

—Obrigado, minhas filhas, em lhes agradeço a ternura; ainda não é tempo, e não sei o que nos reserva o futuro...

Milton tinha razão para desconfiar do futuro: a felicidade dos seus, como uma torrente, se precipita—dizia um grande poeta. A usurpação de Cromwell não podia durar; este ambicioso que não tinha recuado diante de crime algum para se apoderar do poder, deveria cedo ou tarde ser punido pela justiça divina.

As mais negras chagas despedaçavam-lhe o coração, seus filhos e genros ádetavam sua tyrannia; os terrores causados por seus crimes o perseguiram por toda a parte; coberto de uma couraça, carregado de armas offensivas, rodeado de uma guarda numerosa, não dormia tres noites seguidas no mesmo quarto, temia ser a qualquer momento assassinado.

Estas vivas agitações lhe causaram uma febre da qual succumbiu a 3 de setembro de 1758.

Ricardo, seu filho, van sombra do Cromwell, conhecendo sua incapacidade, abdicou, e Carlos 2.º, chamado pela nação, fatigado da revolução e tyrannia, tomou posse do throno de seus paes.

A curta duração da revolução, recordando todas as scenas desse drama terrivel, não tendo ainda envelhecido nenhuma injuria, dava mais vivacidade a todos os desejos odiosos e a todos os desejos Os insultos pungentes que Milton...

a todos os  
de vingança  
Milton...

proferido contra a realisa; seu entusiasmo por uma liberdade que se tornou sanguinaria; sua ligação com o partido de Cromwell, sua apoloogia ao regicida, atraíram sobre si as vistas do parlamento.

Para evitar-se ás perseguições, que temia, retirou-se para junto de um velho amigo, onde esperava encontrar seguro abrigo e repouso.

Foi, porém em vão; elle havia ferido muitos corações; fôto correr muitas lagrimas para ser esquecido da proscricção.

Carlos II era um príncipe brando e generoso; porém, muito occupado com seus prazeres, inquietava-se pouco com o que faziam em seu nome: proclamou-se uma amnistia, na qual deixou-se introduzir grande numero de excepções, que permitiam que a raiva exercesse suas vinganças, e assim foi que, sorprendido em seu humilde retiro, Milton foi preso á ordem do parlamento.

Nem as legtimas e nem os rogos de suas filhas poderam enternecer os soldados encarregados de sua prisão. Enfim, á força de supplicas, ellas obtiveram a graça de servir de guia a seu pae cego, e de ficarem junto d'elle, na prisão.

Em quanto Milton, vendo destruída todas as suas illusões, reflexionava sobre a inconstancia das cousas humanas e se resignava á sua sorte, um unico pensamento preoccupava o espirito de suas filhas: salvá-lo, arrancá-lo ao cadafalso que o ameaçava, era quasi uma impossivel; porém ha neste mundo algum impossivel ao amor filial? Outro, promessas, fúdigas, tudo haviam esgotado até alli; o tempo corria, e principiavam a desesperar da sorte, quando um pensamento repentino vem animar Emma. Ellatinha ouvido por muitas vezes em outros tempos, censurarem a seu pae pela evasão de Davenant, um dos mais zelosos partidarios de Carlos I.<sup>o</sup>, que havia partilhado dos perigos e exílio do filho do seu rei; portanto, pensou ella, Davenant deve hoje estar na corte e favorecido pelo rei.

Elle foi e informou-se. Penetra no palacio do rei, ella a filha do proscripto, do preso, do favorito de Cromwell... nada porém a amedrontou; visto como tratava da salvagão do seu pae; lançou-se aos pés de Davenant, e disse-lhe: —Milord, eu sou a filha do Milton; acuzam-no; está preso; eu venho saber si Vossa Graça se recorda ainda como se salva um prisioneiro.

—O coração de um verdadeiro gentilhomem não tem necessidade que se lhe recorde um serviço, porisso que elle nunca o esqueceu; levantai-vos, miss, e contae amanhã, apezar de julgar ser mui difficil.

—Cromwell seria mais generoso que Carlos II? diz ella.

—Sei muito bem o perigo a que se expoz vosso pae, e não esqueço que lhe devo a vida. Sabe elle do vosso pedido?

—Não, porque si o soubasse m'o teria impedido.

—Voltas, pois, para junto d'elle e esperas com confiança; espero resgatar minha divida.

Satisfeita com esta promessa, Emma correu a tomar sua penosa e difficil tarefa junto ao pae; ella contava as horas e os instantes junto d'aquelle que, nada mais tendo a esperar, achava-se resignado com uma firmeza estoica, e, só a voz de suas filhas o arrancava a suas penosas meditações.

—Não me deixaram, exclamava elle, o tempo preciso para concluir minha obra, e este fogo que me abrasa, se extinguirá sem nada haver produzido.

—Não desanime, meu pae, —dizia Emma, que entre tanto derramava suas lagrimas, pois começava a desesperar, —dizem que o rei...

—Nada espero do rei, a não ser a vingança e a morte; a demora mais me enfraquece.

Uma tarde, Emma acabava de fazer suas orações e lia uma passagem de Biblia, quando se fizeram ouvir muitos passos; a porta da prisão se abre, e alguns soldados precedidos de um chefe penetram alli.

—Muito bem, exclama Milton, com horror, estou prompto.

—Eis aqui a ordem do rei, diz o chefe apresentando um pergaminho.

—Eu não posso ler, diz Milton, o que diz elle n'essa ordem? Ah! talvez indique o nome do executor de sua vingança.

—O portador da mensagem é milord Davenant, diz o chefe.

—Davenant! sim, aquelle que outr'ora... porém os tempos estão mudados... eu estou preparado a vos acompanhar.

—A ordem de sua magestade deve ser vos lida antes.

—Eu a escuto.

—Miss, diz Davenant á Emma, tende a bondade de ler a ordem de sua magestade.

Emma, toda tremula, tomou o pergaminho e o leu com voz commovida: —«Carlos II, rei de Inglaterra...» —Passae os titulos, diz Milton. —Querendo, replicou Emma, igualar a recompensa ao beneficio, e juntar a justiça á clemencia, concedeu á Davenant, como premio de sua fidelidade, a graça do perdão de Milton...

—Vós vos vingaes do poeta, milord, diz o cego.

—Pago apenas uma divida, diz Davenant, e vos digo por meu turno: —retonae vossos trabalhos e pague á posteridade o serviço que vos presto em seu nome.

—Sim, com a liberdade, eu encontrarei meu genio; o captivoiro lhe era funesto, elevarei meu voo nesse mundo divino, do qual não me posso separar; a posteridade de vos abençoará.

Livre e esquecido, Milton se entregou completamente á composição do seu poema immortal.

Fim.

A. Jadin.

## Angustiosa.

IX

Ah, me desculpa, Maria,  
si acaso fiz-te chorar!

Mas, olha, o pranto abvia  
á quem pode o derramar.

Podes sem susto vertel-o,  
que para isso és mulher:  
nas ondas do teu cabelo  
irás depois o escender.

Mas, a mim, que nem me é dada  
ter uma ruga no rosto!  
eu, com o peito angustiado,  
e com o semblante composto.

Não posso com o sacrificio;  
quiz fazel-o, mas calhi.  
Seria um atroz supplicio  
viver agora sem ti.

Mas eu devera esquivar-me...  
devera, porém sou moço...  
Fugir-te é dilacerar-me  
e eu conheço que não posso.

Tu dissoste que me amavas,  
como hei de agora deixar-te?  
E' possível que eu te veja  
sem querer logo adorar-te?

Quem disse-te aquellas phrases  
perdão achas que mereço?  
Mas meu coração não foi  
que as ditou, foi a esboço.

O coração, esse indomito  
queria beijar-te os pés,  
foi o dever quem vergou-o  
e não o affecto, bom véz.

Venho pedir-te um conselho,  
tu, tão boa o podes dar:  
—pesso de ti deslembrar-me?  
dovo deixar de te amar?

Responde: se compássiva,  
A dôr parece um prazer,  
quando é ella consolada  
por nos labios de mulher.

1871—S. Luiz.

Celso Magalhães.

## VIII

Tu amas-me! Bemdigo-te  
pomba tristinha e bella!  
consolador reflexo  
de fulgorante estrella!

Hoje minha alma alegrá-se;  
raiou pra' ella o dia,  
E eu pobre, tri-te, eu misera!  
no teu amor não cria!...

Perdoa-me, creança,  
essa fatal lembrança  
que o cerebro aninhou-

O crime, a culpa toda  
foi da cabeça douda  
que por demais te amou.  
1871—S. Luiz.

Celso Magalhães.

## Discurso.

A UNS ANNOS.

Peço a palavra.

—Já que é moda agora  
usar, senhora, do discurso em tudo,  
segundo a moda outro fim eu tenho  
de grande empenho que é—não ficar caudo.

E pois que estamos *em sessão*, é justo que, embora a custo, attenção presteis para que eu possa *discursar orado*, qual *deputado projectando leis*...

De vossos annos p'ra contar um dia, quanta poesia necessaria fora! e eu, sem ella, proseguir intento... — por um momento in'sentae, senhora.

Sois bella e joven, de bons paes querida, ó-vos a vida um paraíso puro, e Deus vos fade p'ra gosar delicias nas suas primicias de um amor seguro.

Nada vos falta. Parabens ao dia em que a alegria e o prazer couvem; que longo tempo festejais os annos sem desenganos dos que o mundo tem.

eis os meus votos. Desculpae, senhora, si em tão má hora em empunhei a lyra, p'ra um canto dar-vos de harmonia e gallas dizendo as fallas que a anzado inspira.

Ponho aqui ternos com pesar juntado por tão ingrato e auditorio v'ro; pois que estou farto de fallar, vangado, e não — *apoiado*! — me não dá, sequer!

Maranhão, 24 de junho de 1873.

Vitório de Calazans.

### Soneto.

A UM AMIGO AUSENTE.

Querido amigo meu, não imaginas como tornou-se o Maranhão maldrago, como sem risos esta vida passo, tu que em terra de França peregrinas;

fui à Alcantara por ir: que catapo esseão! só vi exinios, templos e ruínas, gostosos camarões, bellas meninas e um tenente-coronel a cada presso.

Voltei à capital: introduzido se tinha no theatro um charlatão, da arte do bemol e do somido.

Agora é minha triste distração nos Remedijs sentar-me aborrecido fazendo c' o a bengala *esses* no chão...

A. J.

## CHRONICA.

Dois festas e dois espectáculos—Fogo no chafariz e agua no palco—Momento do parto—Silencio impercibavel do collegio—Um poeta depravado—Voltaire e M.<sup>o</sup> Monvel—As meninas Riosas—Versos negros.—Melhoramentos legislativos.

Terminaram, a primeira ruidosa e a segunda modestamente, as festas de S. Antonio e de N. S. do Carmo.

Aquella sem novidade de maior monta, a não fallarmos em alguns pequenos conflictos, onde a bordoadá ás vezes desempenhava o seu papel, apesar de bem insignificante na maior parte dellas.

Houve na segunda-feira um *lava-pratos* que não esteve maasinho de todo, não senhor. Nada faltou para plena satisfação do povo.

Houve fogo de vista no chafariz. Ao menos sirvam para o fogo os chafarizes maldadados da maldadada companhia Anil, que pretendiam servir para a agua.

—A segunda festa de que fallo foi celebrada em segredo. Tocavam uns tres foguetes á porta da igreja, davam ter repunicadellas no sino; tocavam nas teclas do velho organo; cantavam um pouco e... quem os ouvia? meia dúzia de senhoras, o Dr. Macedo e alguns vizinhos máis.

E' um absurdo dizer que a Ordem Carmelitana não pode fazer uma magnifica festa a sua Santa, portanto que todos sabem que a *ordem é rica e os frades são pobres*; porém é tal a economia que ali reina, que todos desejariam pedir ao Revdm.<sup>o</sup> Provincial mais ostentação.

—Entrou do Norte e seguiu para o Sul a corveta brasileira *Vital de Oliveira*; e entrou do Sul e seguiu para o Norte o vapor *Para*.

Tenho notado que ha dois vapores o meu ferissimo collegio não dá uma noticia, sequer, do Sul! Ainda mais do que isso! Não diz, ao menos por dizer: — *Chega o vapor tal, de tal parte* (...). Saka!

—Merece attenção no largo de São Antonio um mogo distincto, recém-formado em direito e que tem embebecido *causado furor* as massas com as publicações poeticas com que deu em adornar as columnas do *Paiz*.

Em chorar creio que leva a palma ao *collegio*. As suas ambições de poeta, além de exdruxulas, são repugnantes, mesmo muito repugnantes! Debaixo de um camarismo á toda prova, transforma-se em *cer-me* tantas quantas vezes a sua imaginação esquisita lh'o ordena. Methamorphosea-se em lambriga como Narciso em flor.

São delle estês versos:

Vate... e tão cedo... antes venze eu fosse...

Eu — que quehrara-me a mim acceno teo  
Contra o penhasco, sobre a pedra dura,  
Vencue—desceera na *charueca impura*,  
Agua—subira té lá ter com Deos;

No entanto, si quizeres, serei qual agnia ou *verno*,  
O sol fitando altiva, e sob os pés calcado!

Isto agora que se segue é sublimo, mas um pouco nojentio:

No entanto, si quizeres, verás meu *corpo em postas*,  
Chorando e rindo alegre aos *golpes do sicario*  
Que não deixes, só peço, as *visceras expostas*.  
Mas sejão tuas lagrimas das pobres o sudario!

Si o illustre poeta não fosse formado em direito, por esta quadra *anatomica* dir-se-hia que o era em medicina.

Aquella quadra, que diz:  
No entanto, si quizeres que mergulhador seja,

Ao fundo peço irei fendendo as vagas corulas,  
Afrontando os paraisos, buscar quanto desejas!  
Trazer do troyoabyssino as mais luzentes perolas!

parece feita sobre a impressão da leitura de *Le plougueur* de H. Mirger, pois, pouco mais ou menos, e a mesma cousa.

Termino isto, que eu mesmo não sei o que é, lembrando ao Sr. Dr. Souza Oliveira (lá se me escapou o nome do poeta) aquellos conhecidos versos de Faustino de Novaes, que assim começam:

O verso alexandrino é um poço immenso e fundo etc.

—Houve espectáculos terça e quinta-feira: o primeiro dada pela Sr.<sup>a</sup> Carolina Angel em seu beneficio e o segundo pelas meninas Riosas em beneficio da instrucção publica.

O primeiro não esteve concorrido, mas o segundo foi de uma enchente real.

Houve de novo n'aquelle espectáculo, apenas uma aria do *Coppolito* e uma cançoneta hespanhola, *Agua cá*, cantada pela beneficiada, a quem aconselhámos que não lutinque com *agua*: antes cantasse alguma aria do *Jogar com fogo*, poisso que o publico não epurramatisaria o acto, dizendo que a Sr.<sup>a</sup> Angel cahiu a *Agua cá*.

Demais a mais, homem, não sei o que he diga; aquelle todo vetusto da Sr.<sup>a</sup> Carolina, a quem o sol da vida começa a descer para o horizonte, não pode subir fóra do sério sem expor-se ao grave perigo de cahir no refluxo e desagradar o publico.

Ea, palavra de honra, desejaría ver cantada a *Agua cá* por um desses diabos-artistas, de quem se pudesse dizer o mesmo que Voltaire disse de uma celebre M.<sup>o</sup> Monvel: que o apaixonára.

Que j'ai goûté le plaisir de l'entendre!

Que j'ai senti le danger de la voir!

—As meninas Riosas mais uma robusta prova deram quinta-feira do seu merito.

A menina Julia arrancoo espontaneos applausos á plateia, desempenhando *O Sr. Domingos fora do serio*, de modo que nada deixou a desejar: sahio-se maravilhosamente do monologo, que é justamente o que ha de mais difficil na arte comica.

N'um dos intervallos distribuiram-se uns versos *negros*, mesmo *negros*!... Ah! que versos! Pelo amor de Deus, meu charo poeta, as meninas Riosas merecem mais, muito mais. E' melhor estar callado.

Quinta-feira fez beneficio a mais velha d'essas meninas.

Concluiu hontem os seus trabalhos a Assembléa Legislativa Provincial: durante as sessões fumaram-se duzentos charutos e quatrocentos cigarros. Quanto a melhoramentos...

«Onde estás, meu senhor, meus amores?»

P'ra que terra tão longe fagistes?»

*Eloy, a hesôe.*

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario—A. Azevedo.

SUPPLEMENTO

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2\$000 por trimestre, na  
typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 47.

AO NUMERO 27.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 24 DE JULHO DE 1873.

Aqui têm os nossos estimaveis assignantes um supplemento ao ultimo numero do *Domingo*, surpresa que será bem recellida pelos que lhe ligarem algum apreço. Esforçamo-nos o quanto está nas nossas forças por agradar-lhes, e si o não conseguimos, o que felizmente parece-nos que se não dá, não é que não nos achemos vivamente empenhados em captar-lhes a sympathia e a benemerencia para cuja valorosa impetração, desde que o *Domingo* entrou no seu segundo anno, temos procurado dar-lhe uma nova forma, sermos cuidadosos na escolha dos seus artigos, sem contudo aculherarmos o seu programma de delectar o espirito de seus leitores com a publicação de escriptos aprasiveis, explorando o ameno campo das letras e empunhando uma leve lança para a critica.

Construam-nos a publicação inessante de pequenos romances, por amor da *continuação*, porisso que impacienta-se o leitor no espaço de oito dias, durante o qual fica privado da leitura delles; guarde porém o assignante cuidadosamente os numeros do jornal; mande, no fim do anno, encadernar a colleção e ali terá leitura variadissima, romances completos, etc. po-

### FOLHETIM DO DOMINGO.

#### AS MENINAS RIOSAS.

Eu nunca escrevi um folhetim!

Digo-o em tom admirativo para prevenir a expectativa dos leitores, que de certo não poderão combinar a minha ignorancia—logo no começo manifestada—com a concepção de tão arrojada idea.

Mos que lhe querem! a culpa não é minha e sim das meninas Riosas que vieram ao Maranhão obrigar-me com toda a magia do seu poder artistico a abandonar por momentos o medonho antro da minha obscuridade, e apparecer sem mais nem menos n'um folhetim,—o que é perigoso para uns, que naufragam sem remediação em um agravo, e para outros, que se não sabem transpõem com a maestria de quem os seus talentos.

O mundo é esseo assim.

Mas não julguem que sou possuidor de todos esses talentos scientificos e artisticos de exhibir, e

dando mesmo organizar um *index* porisso que os jornaes são competentemente paginados.

São tantos os projectos que concebemos por melhorar este pequenino periodico, que d'algum modo envergonhariamo-nos de scientifical os aos nossos assignantes, temendo um horrivel *fiasco*, lembrando-nos da conhecida fabula da leiteira que delucava na phantasia a aquisição de avultados precalços com o producto do leite que trazia na bilha, que se quebrára. Confiados, porém, no futuro, perdoadando a indifferença de muitos patricios nossos, a quem todavia desejamos ser util, esperamos resolutos e repetimos: *petit à petit l'oiseau fait son nid*.

Em New-York, na terra do progresso a *Adans Press Company* annuncia, entre outras de menor preço, uma typographia com o competente prelo (12 x 18 pol.), 10 jogos de typos, 3 caixas para estes, 2 compositores, linhas, entrefilhas, um rolo grande e um pequeno, vihetas de combinação, guarnições, tinta, pedra, etc. por 250\$000 reis! Si não fosse este amantão tantas vezes repetido no *Nova-Mundo*, jornal que se publica naquella cidade, duvidamos que um erro typographico deir esse valor á typographia de que fallamos; mas, além dessa circumstancia, os norte-americanos não são egoistas: estamos succe-

d'elles o mais perfeito conhecedor, me abalargaria a escrever um folhetim, onde pretendo dizer muito das meninas Riosas, com a certeza de que não chegarei a dizer nada.

Foi isto motivado por uma precipitação, que ainda teve origem na expansão do meu entusiasmo por aquellas meninas. Foi uma promessa que fiz ao redactor do *Domingo*, no ultimo espectáculo a que assistimos, de que lhe mandaria para hoje um folhetim.

Reconhecendo agora que me foi mais facil fazel-a, do que me está sendo cumpril-a, devoei proseguir em semelhante arrojô?

Dêvo:—o promettido é devido.

O Maranhão tem sido ultimamente um verdadeiro kaleidoscopio de artistas,—e todos de primeira força! Encotra-se na rua dos *Affogados* o Sr. *Trinca-bollas*, primeiro contralto de Seala, que vem fazer-se admirar no norte do Brazil, tendo sido com justiça applaudido em todo o sul do lu-

ramente convencidos que desejam desinteressadamente a mais brilhante irradiação da luz da imprensa.

Desejamos muito possuir uma typographia nossa: está nessas condições a da *Adans Press Company*, para cuja obtenção, contudo, não nos sacrificamos, expondo o nosso capital. Si se não arrefecer este desejo, invocaremos os favores publicos, por meios de circulars, obsecrando para o *Domingo* as assignaturas de tanta gente que o não lê.

Não é de creer que se nos parta a bilha, porisso que nunca invocamos em vão, pois, graças á protecção dos nossos assignantes, que tam bem sabem cazado com a nossa perseverança, o *Domingo* vive.

Não se nos diga que lis ligeiros proventos esperamos dos nossos designios; injusto, ainda que em toda desfavoravel, ser-nos-hia semelhante joiso; não armamos ao interesse, assim como não ambicionamos glorias; a par, porém, do desejo que nutrimos, de sermos salutar e util, como já acima dissemos, encaixou-se-nos n'alma o capricho de eleva-ros acima e a despeito das impracções de meia duzia de vilões.

Enquanto for impresso o ignoto *Domingo* em prelo albeio, fazendo uma despesa tam grande, condemnamos, os nossos projectos, á estabilidade do fraco; porém,

perio; mais adixo, anda na rua das *Violas*, dá-se de chapa com o Sr. *Faz-ficinas*, preito guitarrista e membro da sociedade dos *Palermos*, da qual por todos os titulos não desmente o *Alabo*, que do mesmo modo vem disposto a constranger por algumas vezes os nossos orgãos auditivos com harmoniosas notas do reverendissimo instrumento; e finalmente dois passos mais, ao deixar a duas vezes citada rua *Cones de Souza*, depara-se-nos ainda uma elegante senhora chinesa, que por muito tempo residio na populosa e illustradissima *Becia*, onde se aperfeicou vantajosamente na difficilissima arte de prestidigitagão e escumotagem, e d'isso nos vem dar eloquentissimas provas em—dous unices—espectaculos, que qua sempre se decuplicam... a pedido!...

Safa! que alluviaõ de artistas! O Maranhão regorgita de distrações agradabilissimas!

Que inundação! que diluviaõ!...

—Que faria si o dinheiro, essa finissima essencia que tão admiravelmente se evapora, não andas-

melhor hafejado pelos gabetos da fortuna, talvez adquira a sonhada popularidade; talvez possamos bradar — Victoria, zombando dos seus contrarios e beijando as mãos aos seus paranyphos.

### Uma sociedade.

LEITURA PARA BONDOS.

J

Quem pensa o leitor que é o Sr. Manoel? Um homem, não é verdade? Mas que especie de homem? Isto é que eu quero que me diga. Olhe, vou retratá-lo phisica e moralmente com a fidelidade possível; depois veremos *quem tem roupa na fonte*; si se acia o leitor adiantado na sciencia de Lawater e si sabe julgar pelas apparencias.

Alá vai: o Sr. Manoel toma tabaco.

Ora ali está uma circumstancia a que talvez não ligue o leitor importancia alguma e que, todavia, vale muito. Um homem que se chama Manoel e que toma tabaco não pode ser nunca um rapaz e si o fór, não é um rapaz *comme il faut*. Não senhor.

—Porque? perguntará o leitor. —Ora porque? Porque de ha vinte annos a esta data os paes esmeram-se em procurar para os filhos nomes, que só agora se vão vulgarizando. Não ha novos Manoéis, Pantaleões, Anastacios e Bonifacios, assim como não ha velhos Albertos, Armandos, Ernestos, etc. Porque tudo isto?

Por amor dos romancistas e dos dramaturgos. São os unicos culpados de semelhante aberração.

Pouso do Terral diz alguns que os Artistas deviam mudar de nome aos quarenta annos, extraxola opinião que não deixa de ser lisonjeira ao autor destas linhas, que, todavia, tem muito pouco de

se—por effeito d'essa mesma sua propriedade especial—tão escasso entre nós!

Mas mudemos de tom.

Foi necessariamente devido á escassez do dinheiro, e mais que tudo ás frequentissimas *luchas* que nos têm pregado os *Triunphos* e os *Paz-fôrmas*, que o primeiro espectáculo das meninas Riosas esteve em completa vazante. Depois, as desconhecidas artistasinhas não traziam uma só carta de recommendação, porque tinham em si a mais plena confiança.

Provaram-no. No dia seguinte ao do espectáculo não se fallava em outra coisa; era o assumpto de todas as reuniões. Distinguíam uns a jocosidade da menina Julia, a mais pequena, e admiravam outros a ingenuidade da menina Carolina, a mais velha:—mas tudo eram elogios ás meninas Riosas!

Annunciou-se o segundo espectáculo, que foi pelo pae das meninas offerecido ao governo em beneficio da instrução publica. Pouco trabalho teve

romantico e acha-se muito fóra dessas cousas.

E onde ficou o Sr. Manoel?

Vou retratá-lo, que é tempo:

É um ex-negociante da idade justamente em que os Artistas devem mudar de nome, na opinião do autor de *Rocamboldo*: fallio duas vezes e em ambas conciliou-se amigavelmente com a condescendencia dos credores: hoje vive dos seus rendimentos e de algumas pequenas comissões de que o encarregam, sem contudo estar estabelecido, amigos do interior da provincia, que recebem por quatro o objecto que foi comprado por tres mil reis, affora a comissão, que pagam, de não sei quantos por cento. Pondo de parte estes pequenos *arranjos*, o Sr. Manoel não é mau homem.

Tem um immenso nariz onde sempre está *cake não cabe* um pingo de tabaco; poucos e maus dentes; barba feita; cara guardada por um coxillo de suissas brancas; olhos amortecidos; usa oculos de tartaruga; desfarça a calva com alguns cabellos semi-enfitecidos; assigna o *Publicador Maranhense* desde o seu primeiro anno; usa, desde que o conheço, um facto de cor duvidosa e é casado com a Sra. D. Francisca, a quem logo apresentaremos ao leitor. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, é mulhersinha que não gosa da fama de Penelope, circumstancia esta que não vem ao caso.

Eu fui convidado pelo Sr. Manoel, que me honrava com sua amizade, para tomar parte n'um *baile (sic)*, com que pretendia festejar o pedido que lhe havia feito um outro Manoel da mão de sua filha unica, D. Suelina, abreviatura de Ignez (!); e porisso não extranho o leitor que eu o introduza em uma sala espaçosa, escassamente allumada por dous pares

a comissão encarregada da passagem dos bilhetes, porque eram elles procurados com avides.

D'então assidua tem sido a concurrencia.

O publico maranhense é generoso mas não é fanatico; affluindo ao theatro—que estava litteralmente cheio—, não foi só para beneficiar a instrução, mas tambem para capacitar-se do que se lhe dizia das interessantes meninas.

Satisfiz-se; viu o que não esperava, e deu d'isto irrecuráveis provas nos incessantes applausos que lhes dispensou.

Oh! eu quero transportar-me em sonhos ás noites de maior triumpho d'esses artistas de reputação firmada para acabar um termo de comparação, e não posso! Si eu estou inteiramente convencido de que tudo o que as meninas fazem e dizem, aquella mimica, aquelles gestos scenicos, aquella naturalidade, aquella firmeza de expressão, etc, etc, são cousas que se não aprendem na idade d'ellas, e que só um dom natural as concede!...

Ai a menina Julia no Sr. Domingos fóra do se-

de serpentinhas, e da qual vou tentar fazer-lhe a descripção:

Imagine um salão, de cujas paredes o papel é despegado pela humidade e em cujo tecto a industria é dignamente representada pelas aranhas; cinco janellas de parapeito, em cima de uma das quaes estão tres bilhas d'agua por arrefecer; duas bancas sobre as quaes descansaem quatro immensos castiços á antiga; um D. Pedro V e um Garibaldi de gesso; um relógio de armario; um piano—mesa; um sofá que foi estofado; meia duzia de cadeiras de diversas qualidades; na parede, fazendo symetria com a quadro que representa o milagre da Virgem de Nazareth no tempo de D. Fuas Roupinho, de casaca, contra cujo anachronismo ninguém de casa protesta, o retrato, coberto com um espesso véu de escomidia, do defunto pae da senhora do Sr. Manoel; á porta um capacho que suja, em vez de limpar os pés.

A Exma. Sra. D. Francisca, dona da casa porisso que é a esposa legitima do dono, como já scientifiquei ao leitor, está sentada, ou antes cahida no canapé que, apesar de ter dez palmos de pópa á prôa, é em quasi sua totalidade occupado pelo bojo enorme do todo phisico da mencionada senhora, que tem a seu lado direito, com as pernas escondidas na sua saia, o Sr. Manoel, noiva, a quem, por termos encontrado nome igual ao seu, passaremos a chamar *Manduca*: do lado esquerdo tem assento D. Suelina por estar de vestido *escorrido*, sem cuja circumstancia creio que não participaria do grupo que acabei de esboçar, digno, por sem duvida, de pennã experimentada.

Pela difficuldade com que sentei D. Francisca no sofá, deve ter avaliado o leitor da sua grossura, e pela facilidade

rio!... Gostei de ver muita moça a esconder o peregrino rosto por detraz do delicado leque, para gorghar á vontade! Outras, não se lembraram de occultar as suas expozções, e riam mesmo diante de Deus e todo o mundo, deixando apparecer nos dentesinhos tão alvos, tão bem torneados, que enlouqueciam!

Eu sou admirador do bello e do bom! Por isso gosto de um espectáculo que faça ric muito, para me não exultar só com o que vejo ou ouço no palco. Na critica do *Beijo* que a menina Julia fez com tanto espirito no Sr. Domingos fóra do serio, eu vi moças nos camarotes estarem a seguir-lhe todos os movimentos, como quem ara preza de um fascinador atractivo!

Oh! a menina Julia é os meus peccados!

Eu sou do seu partido; estabeleçam-se as rivalidades conveniêntes, aquellas rivalidades que dão estímulo, e eu serô feliz!

Disse.

Holopheres.

# Mutilado

com que encachei os noivos a seu lado, fácil lhe seria adivinhar os franzidos, adjectivos e porquanto poéticos, seis-milhas e embelhados nas illusões da vida.

D. Francisca não tira decendencia para a do marido, que é portuguez, isto portuguez e pode pentear os cabelos da cabeça sem perigo de partir os dentes ao pente; a grossa matrona decende em linha obliqua dessa rara cruzada de indio e negro, o que, no seu entender estolid e orgulhosa uma desgraça, desculpano a côr com o muito sol que apanhou no sertão, onde foi creada: traja um vestido de lã e curra, pendem-lhe do pescoço uns pendurcalhos bentos e do cinto um molho de chaves de todos os tamanhos.

O Sr. Manduca não é feio nem bonito: tem uns bonitos dentes e um bom bigode: usa luneta de vidros enfumacados, não encontrando nisse, porém, o menor inconveniente, porisso que quando pretende reconhecer alguém, olha por cima dos ditos vidros. Traja *frak* de casemisa côr de carne, de gola de veludo negro, um collete da côr do *frak* e umas calças da mesma fazenda do collete.

Tem correntão e uma medalha bonita, onde é muito provavel que esteja encerrado o retrato de sua noiva.

D. Suelina tambem não é bonita nem feia, é assim, assim; tem as faces fundas, mas as repelidas camadas da tapioça perfumada, a que os francezes chamam  *poudre de riz*  e os portuguezes  *pó de arroz* , têm sobre moito terraplenado os dous abysmos cavados pela natureza, a sua formosura: tem um becado do rosto queimado com pedra infernal;  *honey salt*  o leitor  *si mil y pense* . Conta-se em duas palavras a historia da queimadura a Firmina, negriinha muito desavergoada, que anda a par dos segredos da sinhá moça, em cujas confidencias, fazem cambio de confiança, foi quem m'a contou.

Um bello dia D. Suelina ouviu dizer a uma moça—que nada havia para enfeitar os rapazes como um  *signalinho*  preto no rosto, como os que usava a Adèle.

Informada do processo, recusou a principio, ao pronunciarem-lhe o diabolico e terrivel nome da droga. Resolveram-na, porém, e lá se foi a Firmina á botica franceza comprar quatro vidros de pedra infernal.

Foi tam desastrada a operação, que ficou a menina com o  *signalão*  com que a apresentei ao leitores.

Ella traja modestamente um vestido de cassa, pulseiras de coral, um cinto que tem na fivella o retrato de Carlota Patti,

um colar de aljofares, do qual pende uma linda medalha, onde é muito natural que esteja encaxilhado o retrato do Sr. Manduca.

Passemos agora a analysar o resto da sociedade. Sou muito cortez, porisso que principio pela bello sexo e acabo pelo feio.

(Continúa.)

A. A.

## Saudades.

Da razão confortando as leis mais santas,  
no olvido atrair quiz de meu peito  
o mais querido affecto.  
Triste esperança! extinguir quem pode  
a lava ardente que o volcão anima?  
Qual agua alliva que cortou o espógo  
sem ver o abysmo que a seus pés se abria,  
ou, fascinado da belleza d'Elle,  
amei-a louco;

e como o vine que se curva á luz,  
com termo extremo lhe beijei as plumbas  
eseravo e ufano de sua doce jago.  
Ah! si o futuro perscrutar pudesse,  
talvez agora lhe dissesse, ainda,  
falsas que a mente enmurcha deixão,  
sem ler um elo que a paixão abraça!  
Era impossivel! resistir não pude  
a força magica que em seu riso impera!  
Mas tanta vida que este amor brotava,  
ella sorrindo mergulhou em dores.  
Treda esperança, de meu peito dentro,  
oh! sim, levei-lhe meu saudoso canto:

Já no céu a finda lua  
vem mostrando os seus fatigos:  
só, Elvira, — meus amores —  
não tem dô do meu penar...  
Quando me custa passar  
os instantes da partida  
sem de teus labios, querida,  
juras de amor escutar;

sem ouvir esses protestos  
do amor que me juravas  
quando, ingrata, tu chamavas  
de infel meu coração...  
Hoje por ti choro em vão  
nesta triste soledade,  
soffrindo a cruel saudade  
da nossa separação.

E talvez que tu, tranquilla,  
nimbos queixas escutando,  
em outro estejas pensando  
zombrando assim do meu fado.  
Ah! Elvira, si culpada  
merecer o teu castigo,  
da-me ao menos um abrigo  
do meu viver exilado.

Deixa que li esquecido  
no horror da solidão,  
o meu pobre coração  
goze um apoio querido:  
Quando meu peito abalido  
sentir da vida apalpar-se,  
tenha um affecto á lembrar-se  
—penhor do quanto hei soffrido.

S. Luiz, julho 1873.

Miquel Marques.

## Moto: (1)

Lá vem a lua saindo  
Por detrás das plenteiras,  
Já tenho a bocca cansada  
De beijar moças solteiras  
(Dr. Souza Oliveira—inspirado a um baile.)

ALMA.

Esse todo  *diplomatico*   
essa grande presumpção  
do poeta  *telurico*   
faz-me ficar  *somnolatico* .  
Quando na lyra elle estatico  
de  *vermic*  a  *agonia*  subindo,  
como a montanha  *picado*   
com tanta bulla um ratinho  
parece que em seu facinho  
LÁ VEM A LUA SAINDO!

Aneddotado e nervoso  
busquei um medico amigo  
para ir junto comigo  
visitar o  *alburico* .  
Que quadro  *novavilhoso* !...  
cheio de  *alcega*  e  *bichotras* , (2)  
em um  *cano*  de  *osteiras* ,  
jaz o  *cabo*   *cobrado*   
como um  *cão*   *abandonado*   
por detrás das  *tormentas* !

Cheguei-me  *compadecido*   
ante elle e assim lhe disse:  
—Em que triste  *nauqueiro*   
deste tu  *precavido*   *molhado* !... —  
Elle todo  *dolorido*   
respondeo: Não tenho nada!  
a minha  *perdid*   *amada* ,  
por quem  *delectante*   *morto* ,  
de  *chamma*  em  *meu*   *soccorro*   
JÁ TENHO A BOCCA CANSADA!

Sim, meu vale, a tua sorte  
bem depressa te  *delibere* ,  
se a tua  *gravata*   *branca* ,  
não deres  *diversa*   *morte* .  
Tu —  *piloto*  —  *listo*  e  *forte*   
sae desses  *mares*  de  *asneiras*   
abandona as  *boboceras*  —  
vai gozar  *tranquillo*   *sonna*   
pois  *jamais*   *trais* ,  *meu*   *mono* ,  
OR MANDA MOÇAS SOLTEIRAS.

Tiburcio.

(1) Pedindo algumas dadas ao Sr. Dr. Souza Oliveira, a um baile que teve lugar em um dos ultimos dias da semana passada, e no qual se achavam pessoas que sabem figur aprego ao bom, que improvisasse uma queleza, o poeta, que tem combrio se nos apresenta nas columnas do  *País* , sahio-se simples e modestamente com esse moto.

Sobre os dous ultimos versos ha uma duvida. Não se sabe com certezza si o poeta disse:

Eu tenho a bocca cansada  
de beijar moças solteiras,  
ou:  
Tenho o céu da bocca sacro  
de beijar moças solteiras.

Entretanto, com mais acerto andaria si assim os dissesse:

Eu tenho a bocca cansada  
de rizer tantas asneiras.

(2)  *Bichotras*  refero-se ao estado de  *deterioração*  em que o proprio poeta, em alguns dos seus versos, deseje estar.

## Duo nas trevas.

(QUINTO.)

## O VATE.

«Quem tu és, mulher, dondade  
Que a fronte silva menção ?  
Qu' inspiras a mocidade  
E que lhe pousas na idea ?  
Quem tu és ? Como te chamas,  
Que a fronte viril inflammas  
De patriótica luz ?  
Donde vens ? D'onde descendes ?  
Dize mais—O que pretendes  
Onde a sorte te conduz ?»

Colhe a virgê o níveo manto  
E deixa tombiar o véo...  
A terra modula um canto  
Que vai perder-se no Céu ?  
E arguendo o resto risinho  
Ante o vate que tribunho  
Na lyra o fado mollia,  
A peregrina innocente,  
Com voz sonora, estridente,  
Falla ao se'lo, ao mundo diz:

«Sempre virgem! sempre justa  
Dos se'los presa a travéz !  
Nasci na Hora vetusta:  
Cezar calçou-me a seos pés !  
Depois... os tempos rufando,  
Vi regas degenerando,  
Foyos tornando-se em pó,  
Pois terror da monarchia  
Em era a y são esculpia  
De Gonzaga e Bultrú !

E deixando a prisca Italia,  
Fui do mundo ao coração;  
Fui fer a formosa Gallia  
De Robespierre e Dantão !  
No meu beyro resonando,  
Eu senti-me ir recordando  
A luz do *avento e luz*,  
Em que dando ingentes brados  
A meus pés vi prostrados  
Um trão... e... Luiz Dreyfus

## O VATE.

Levanta-te ! Em fúria viva,  
Como a equocra amplidão,  
Ergue a fronte nobre, altiva !  
Reja os despotas no effio !  
Como os hebreus, potarchas  
Maldição ! da nos monarchas,  
Escarneo ! nos fillos dos reis !  
Dá despreso ao vil tyranio,  
Faz-te elegor soberano,  
Calca o throno, n' c'ra a os pés !

Do sepulchro quebra a ligam,  
Heróe de *avenia e dias* !  
Vem proslar a tua imagem  
Onde um vil bronze se pôz !  
Tu, que na força expiraste,  
Que com teu sangue pagaste  
De ser livre a aspiração,  
Tira-deutes ! ergue a campu,  
Na face do mundo estampa  
Esta ignea inscripção:

«Martyr ! morri no palibulo,  
Qu'um algoz fez levantar !

«Da liberdade o thuribulo  
Nunca cessei de agitar...  
«Proscripto na Chanana  
«Meu sangue regou a idéa  
«Que plantei n'esta nação.  
«Agora que fructifica  
«De seiva e vida tão rica  
«N'hodierna geração...»

E o vulto esceda-se pallido  
Nas dobras do vento andaz...  
O delo ao longo diz callido  
Estas palavras finaes:  
—Brazileiros patriotas,  
Junto a vós sombras ignotas  
A passar constantes vêm...  
Timido aquelle, este affeito...  
—E' o Deus de *quaranta e oito*  
De *desesete* também !»

Junho, de 1872

M. A. Lino Baratta.

## Amores.

Para que possa decantar amores  
Co'as lindas flores que o prazer encerra,  
Quero a meu lado ver do *mar* um côpo,  
Pois n'elle topo meua amor na terra.

No *vinho branco* vejo a côr nímosa  
Da mais donosa, divina donzella,  
Vejo no *tinto* viva côr rubenta  
Que tanto tenta n'uma face bella.

Por isso—no *corde* que me dá ventura  
Dou a ternura que em meu peito bouvor,  
E ao *madero* que me lembra amores  
As meigas flores que o peito meu tiver.

O *duque* em mim, verdadeiro a tinto,  
Amo o distincto, salutar *Madeira*;  
Amo o *Meneco* que do Porto vem,  
E a ti também—especial *Figueira*.

Oh ! não me esqueces doce *mauscatel*,  
Tu és o mel que a parreira deu,  
Si por ti vivo, si de te me acoro,  
E' que me perco pelo effeito teu !

As roxas *lagrimas* que nos verte o Douro  
Oh ! que thezouro para mim não são !  
Um copo apenas, mesmo pouco cheio  
Prodez-me o aneco e feliz paixão.

E tu, oh ! Bacho ! si me ouviste o canto  
Sincero e santo dos amores meus,  
Toma estes versos que nascerão d'alma  
Mas dá-me a palma dos dilectos teus.

Rodolpho.

## Revolução.

(A. D. MARGARIDA MOREIRA.)

I

Evoluta em vaporosa  
mantilha purpurina,

cantava descuidosa  
do *Fausto* a cavatina.

Tão bella ! fascinado  
beijei-lhe a negra trança !

Depois, apaixonado,  
amei essa criança !

II

Um dia, distrahida,  
tu lias a *Ondaa*.

Voava desprendida  
a tua trança fina.

flavia o quer que fosse  
de vago e de ideal

nesse teu vulto doce  
assim celestial !

III

Hontem, suavem nte,  
locaste uma harmonia.

Teu seio transparente  
como languido tremia !

Foi bello aquelle instante !  
a noite in descendo...

judguei longe, distante,  
da terra estar vivendo !

A. Corbeo d'Almeida.

Rio de Janeiro, em junho de 73.

## A O...

Vem: ó loura menina: eu quero abrir-te  
de pando alma a pagina mais bella:  
soar em tua presença o mesmo aneco  
que Lamarque ao pé da Graziella:

Oh, eu tenho n'alma um novo mundo  
de santas illusões, d'ignolo amor:  
tal como a pura estrophe d'un poema  
escrita pela mão do Creador.

Quero frear assim, lura criança,  
si a terra laixaste para amir-me ?  
Oh, chega te mais, no teu sorriso  
eu vejo a luz de Deus illuminar-me.

E me dize: qual é o ser accido  
que a ti me liga com suave amor ?  
Ella corando, murmurou-me tremula:  
e o doce affecto que se chama amor !

A. C. A.

Rio de Janeiro, — junho de 73.

## Soneto.

Eu ouvidos a fama sempre do,  
pariso certa vez na l' viança,  
uma obra de luz, orden de dia,  
por duns notias do mil reis comprei.

Fui so'rego pra casa e me espichei  
nos suaves colchões em que eu dormia,  
vinte folhas abri, como abria  
cartilha da mollier que mais amei.

Dei a obra ao diaho, e o autor della  
que a imprensa do dia elegiava,  
levou dos labios meus medonha mel.

E como desde logo o dispensava,  
o folheto lancei pela janella,  
indo á casa do autor que então passava !

A. A.

## AVISO.

O n. 28 do *Domingo* será distribuido  
na segunda-feira, 28 de julho.

Marxala. — Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pires.